CIPPUS (ISSN2238-9032)
http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/cippus
Canoas, v. 13, n. 2, 2025
http://dx.doi.org/10.18316/cippus.v13i2.12478

Representação da Sociedade Capitalista em “Capitães da Areia”

Clarissa Helena Martins Schorr[1]
Eduardo Pereira Machado[2]
Lúcia Regina Lucas da Rosa [3]

RESUMO: O romance “Capitães da Areia” aborda a miséria de meninos abandonados que precisaram amadurecer independentemente da idade a que sofreram esse abandono. Este artigo pretende demonstrar, através de uma pesquisa bibliográfica, o abandono e os frutos advindos do sistema capitalista brasileiro, bem como, aproximar uma análise das personagens ao mercado inconsistente de adoção e a exposição de crianças à vida urbana. Na Bahia de Jorge Amado, as diferentes opiniões sociais, registradas pelo autor, sofrem de preconceito e miséria intelectual. O romance analisado aborda a marginalidade e as diferenças sociais. No Brasil, país enorme por natureza, a problemática dos menores abandonados é por demais preocupante, uma questão pouco trabalhada que ainda necessita de muito cuidado. Na literatura de “Capitães da Areia”, há o predomínio dessa exclusão de modo muito realístico, ainda que publicada em 1937. Para análise desse artigo foram consultadas obras de Karl Marx, Darcy Ribeiro e Adam Smith, entre outras.

Palavras-chaves: miséria; crianças; Jorge Amado.

Representation of Capitalist Society in “Capitães da Areia”

ABSTRACT: The "Capitães da Areia" romance talks about the misery of abandoned boys that were forced to mature independently on the age they suffered their abandonment. This article intends to demonstrate through a bibliographic research the abandonment and the consequences from the capitalist Brazilian system as well as approach to a characters analysis to the adoption inconsistent market and the children exposure to urban life. In Jorge Amado´s Bahia the different social oppinions registered by the author suffer of preconception and intellectual misery. The analyzed romance talks about marginality, and social differences. In Brazil (a huge country) the problem of abandoned children is too worrisome, a not well dealt subject that needs much care. In the book "Capitães da Areia", this exclusion prevails in a much more realistic way, even it was published in 1937. To build this article, the writer consulted books of Karl Marx, Darcy Ribeiro and Adam Smith, among several others.

Keywords: misery; children; Jorge Amado.

CIPPUS
(ISSN2238-9032)

[1] Universidade La Salle - Unilasalle. E-mail: clarissaschorr@gmail.com.
[2] Universidade La Salle - Unilasalle. E-mail: dudukuks@hotmail.com.
[3] Universidade La Salle - Unilasalle. E-mail: lucia.rosa@unilasalle.edu.br.

Introdução

Jorge Amado é um autor, que segundo Kiefer (2011, p. 22), pode ser comparado a Balzac, por escrever sobre várias tipologias, seus personagens representam as classes da sociedade brasileira, assim, literatura apresentada por Amado é o construto de uma história social, em cada obra sua. O autor ainda afirma que:

> Se tivéssemos, no Brasil, um crítico literário do porte de Mikhail Bakthin, capaz de compreender as conexões ideológicas entre a linguagem, a sociedade e o indivíduo, ele não teria dúvidas em apontar o escritor baiano como um dos principais representantes da polifonia e da carnavalização, ao lado de Dostoievski e Rabelais.

De acordo com a Fundação Casa de Jorge Amado[2], o autor teve suas obras traduzidas para 49 idiomas. É possível considerá-lo um autor multifacetado: representa com maestria suas convicções, e ainda é atemporal. Rufino (2011, p. 68), descreve a importância da obra amadiana para o contexto nacional e internacional:

> É indiscutível a importância da obra de Jorge Amado para a compreensão de uma cultura que, com o transcorrer de um tempo bastante recente, passou a ser denominada "cultura baiana" e, sobretudo, a disseminação deste discurso identitário para a própria Bahia, para o Brasil e o mundo. Jorge Amado escreveu romances, narrou histórias, contou casos e, por isso mesmo, são diversas significações que podem ser pensadas diante de um universo simbólico tão vasto e com intrínseca e peculiar complexidade.

Por ser a Bahia o que se considera o início do Brasil, por ali ter começado a construção da identidade, ainda que essa construção da identidade seja um processo histórico e que só foi estudada séculos após a colonização, não há como negar que naquele local iniciou a miscigenação brasileira, o povo baiano é a mistura de todos os povos que por aqui passaram ou ficaram, e não há melhor representante para a raça brasileira. Com isso, Jorge Amado confere a seus personagens os legítimos intérpretes do povo brasileiro. Calixto (2011, p. 57), em sua dissertação de mestrado, menciona:

> Deve-se considerar, entretanto, que se antes a intenção de representar a sociedade brasileira através do povo baiano passava pela lógica universalista da luta de classes, passou progressivamente a ser utilizada para fixar a originalidade do povo e da cultura brasileira e, assim, contribuir na afirmação de uma identidade nacional.

Jorge Amado é conhecido, também, por sua vida de militância no Partido Comunista. No ano de 1936, foi preso e exilado. Considerado um autor subversivo, teve suas obras queimadas pela repressão. Foi apenas, com seu terceiro livro "Suor", lançado em 1934, que Amado iniciou sua escrita tida como denúncia social, "'Suor' é um romance ambientado em Salvador e tematiza o proletariado urbano" Vieira (2004, p. 43). A autora menciona também a obra "Cacau" (1933), afirmando que a intenção de Amado era escrever um romance proletário.

> A seu favor, Amado confirma o realismo da obra, sua força de documento honesto, coerente com a época e com as influências que recebeu. Cacau, em sua honestidade, exalaria um bom ar de revolta para estar junto da literatura proletária.

> O poeta Jorge de Lima (1961, p. 67), no texto "Nota sobre Cacau", da obra Jorge Amado: 30 anos de Literatura, faz ouvir sua voz em defesa do escritor baiano: "Fez romance chamado proletário, sim. Foi quem primeiro fez, e com honestidade [...]". (Vieira, 2004)

A representatividade da militância política de Amado pode ser analisada, também, por meio do personagem Pedro Bala, de "Capitães da Areia". Assim como Amado, Pedro, quando adulto acabou perseguido pela justiça, considerado um anarquista. Mas na infância era apenas um menino que sempre viu as injustiças, lutou como sabia para sobreviver, órfão e abandonado pela sociedade, um pouco precoce devido às circunstâncias, mas, apesar de instruído apenas por oratória, mostrou-se muito politizado. A construção do personagem, segundo Bueno (2003, p. 267) é uma preposição entre a malandragem e a

[2] Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/. Acesso em 15 abr. 2015.

política:

> Está dado o passo necessário para a criação do espaço de legitimação do marginal com o elemento revolucionário, que marcará a figura do Pedro Bala de Capitães da Areia. Pela primeira vez na obra de Jorge Amado, a ligação entre luta política e malandragem se dará de forma direta. É claro que Pedro Bala não é totalmente estranho à luta política, já que conhece as histórias de seu pai, que fora um importante líder dos estivadores.

Nesse contexto de denúncia social, nem todos os teóricos concordam. Bosi (2013, p. 418) analisa Amado como um escritor de "tensão mínima", seus personagens não têm destaque em relação às paisagens, suas histórias são populistas. Bosi, afirma, ainda, que as obras de Jorge Amado não podem ser consideradas revolucionárias, para o autor não passam de romances que se voltam para os pescadores e marinheiros.

> O populismo literário deu uma mistura de equívocos e o maior deles será, por certo, o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano.

Outro autor que critica Amado é Rufino (2011, p. 90) quando alega que as obras amadianas não têm compromisso social perante o racismo brasileiro. Para Rufino, o escritor baiano abdicou de fomentar em suas obras a problemática racial, ainda que tenha personagens mulatos ou negros, não são impactantes e Amado não demonstra por meio deles, nenhuma menção à raça.

> Amado sinalizou, mas silenciou, concluindo que somos todos mestiços, proclamando a tão celebrada democracia racial nas terras da "Bahia de todos os santos. Terra do branco mulato e do preto doutor..." (...) No dizer nietzschiano, Jorge Amado despotencializa o poder da raça. Para alguém com um currículo como o de Jorge Amado, que foi militante de esquerda, participou do movimento popular da Aliança Nacional Libertadora, ficou encarcerado várias vezes, foi exilado na Argentina, foi deputado pelo Partido Comunista Brasileiro, em 1946, constata-se que sua voz política, com o passar do tempo, não sustentou o vigor com o qual iniciara a sua trajetória e, no mínimo (para ficarmos com os termos musicais), desafina.

Quando se trata de contextualizar a raça, as três obras de Jorge Amado: "Jubiabá" (1935), "Mar Morto" (1936) e "Capitães da Areia" (1937), possuem personagens importantes que são negros. Em "Jubiabá", Antônio Balduíno, personagem principal é um lutador da vida, considerado um negro valente; em "Mar Morto", Rufino e Esmeralda têm papeis consideráveis para o desenvolver do romance. Já em "Capitães da Areia", um nome de grande expressão é, entre outros, João de Adão. Segundo Rossi (2004, p. 162), são essas três obras a expressão máxima da importância de Amado com a raça negra:

> Os romances "Jubiabá", "Mar Morto" e "Capitães da Areia" constituem, podemos dizer, os resultados significativos de uma importante inflexão na produção literária de Jorge Amado. Trata-se de um momento em que o escritor assinalou não apenas seu interesse pela "raça negra", como também redimensionou o lugar que esta raça ocupou em suas obras, quando vistas à luz de seus empreendimentos anteriores.

Contudo, é inegável que o leitor se identifique em algum momento com qualquer uma das obras idiossincráticas amadianas. Jorge Amado interpreta o povo baiano, representa não só um Estado, mas a nação, ao descrever a burguesia e o proletariado.

Em "Capitães da Areia", ao relacionar a greve com a festa dos pobres, Amado realiza um discurso, um enunciado, cheio de metáforas em uma época ditatorial. Se a intenção ao escrever isso, não for de afrontar, então Jorge Amado foi malsucedido, já que a obra foi considerada subversiva e os exemplares queimados.

Mesmo que alguns autores afirmem serem as obras amadianas apenas romances de marinheiros, é através de uma obra assim que Amado denuncia o grande problema social do abandono de crianças nas ruas das cidades. Matias e Francischini (2007, p. 13), afirmam: "foi a obra literária que deu principal testemunho cultural do impacto exercido por essa nova forma de presença das crianças nas ruas". Essa obra pode ser lida apenas como um romance, mas é inegável seu valor para os estudos da sociedade brasileira. Nesse sentido, Figueiredo (2010, p. 5) declara:

> Dentro do que podemos chamar de paradigma crítico, algumas obras literárias são atemporais, não têm caráter peremptório, a exemplo desta obra amadiana, publicada em 1937, que traz uma denúncia de um sistema social perverso em relação à população infanto-juvenil, infelizmente ainda vigente. Capitães da Areia é a obra literária que trouxe o principal testemunho cultural do impacto exercido pela forte presença das crianças nas ruas. A leitura e a análise da narrativa remetem a uma reflexão sobre a falta de um posicionamento mais contundente da sociedade em relação à divisão de classes.

OS MENINOS DO TRAPICHE E O CONSERVADORISMO SOCIAL

O romance "Capitães da Areia" descreve um cenário onde vivem crianças em condições subumanas. Em meio a ratos, sujeira, fome e céu estrelado, os meninos da areia tiveram suas infâncias abandonadas. Adolescentes que precisam representar os adultos que os abandonaram, expostos a diversos perigos, ainda que a sociedade burguesa baiana os tenha visto como uma ameaça à segurança.

Os meninos que vivem no trapiche são uma família, vivem sob leis e ordens, sem nenhuma estrutura física que lembre uma casa, sem a estrutura considerada pela Constituição Federal que denomina família os entes que se originaram de um casamento. E, mesmo sem o respaldo constitucional de seguridade aos entes[3], principalmente às crianças e aos adolescentes, esses meninos do trapiche eram irmãos. Para SMITH (2015, p. 275), "as primeiras amizades, as amizades naturalmente contraídas quando o coração é mais suscetível desse sentimento, são aquelas entre irmãos" e mesmo que vivessem junto aos ratos, e que fossem comandados por um menino de 15 anos de idade, Pedro Bala. Esse trapiche, "lar", não é muito diferente dos viadutos das grandes cidades, onde se escondem as crianças sem lar.

> Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que rolam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois de algumas noites, ladrando à lua pela madrugada, pois grande parte do teto já ruíra e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas. Mas aquele era um cachorro sem pouso certo e cedo partiu em busca de outra pousada, o escuro de uma porta, o vão de urna ponte, o corpo quente de uma cadela. E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. (Amado, 2008. p. 28)

Os capitães da areia são crianças que vivem em bandos, ou seja, pessoas que se agrupam por livre e espontânea vontade, ora pela afinidade ou por algum interesse em comum. Os meninos do trapiche, além de terem um histórico de vida muito próximo um do outro, também têm o mesmo interesse: proteger uns aos outros a fim de sobreviver. Ali, naquele lugar miserável, esses meninos encontravam liberdade, só ali era permitido viver como queriam, já que a sociedade queria enquadrá-los, e o único enquadramento que eles poderiam adquirir era o de marginais, no sentido pejorativo da palavra, pois já viviam à margem da sociedade.

Jorge Amado expõe a intolerância com essas crianças de forma atemporal, já no primeiro capítulo: "Cartas à Redação", uma verdadeira expressão semiótica de narrativas que levam o leitor a perceber os diferentes olhares da sociedade. Em uma tentativa de solucionar, ou pedir solução, o jornal local faz reportagens referentes a essas crianças com uma empatia à sociedade e uma falsa compaixão às "crianças ladronas". Esses meninos não poderiam ser aceitos socialmente, MARCONI e PRESOTTO (2005 p. 40) especificam que a aceitação social só se dá por necessidade ou utilização, e, se é uma questão de aceitação, pode-se indagar se o ser humano poderia emitir sentimentos ao que não conhece de fato, e, se não tem conhecimento à vida desses meninos na sua luta diária, a burguesia, e até mesmo, o proletário, não poderiam possuir capacidade de compaixão.

[3] § 8º O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

> Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos Capitães da Areia. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre doutor Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados. (Amado, 2008. p. 13)

Nessas notas jornalísticas, fica evidente que a preocupação é com a segurança da aristocracia. Esses sentimentos de compaixão e solidariedade ficam à margem, respondidos apenas pela mãe de uma das crianças e pelo padre que os acompanhava; esses, detentores da empatia necessária para opinar. Pela capacidade de sentir empatia, nos tornamos humanos, mas longe dessa empatia altruísta está a sociedade capitalista, em que o capital é mais importante, já que dele se vive e por ele poderiam ser resolvidos os problemas dessas crianças. Smith (2015, p. 9) afirma que o ser humano, antes mesmo de emitir qualquer sentimento, se preocupa com os motivos daquela situação.

> Até mesmo nossa simpatia pela dor ou alegria de outrem, antes de sermos informados das causas de uma ou da outra é sempre muito imperfeita. Lamentações genéricas, que nada expressam senão a angústia do sofredor, criam mais curiosidade de investigar sua situação, junto com alguma disposição de simpatizar com ele, do que uma verdadeira simpatia bastante perceptível.

Na sociedade capitalista, pode-se afirmar, então, que os indivíduos são egoístas, o desejo de possuir e reter sem possibilidade de ajudar a quem necessita é o grande impulso para obter-se o sucesso. O valor do dinheiro impera mais que o direito dos meninos de rua de terem um lar fecundo, onde deveria haver possiblidades de um futuro promissor, com as verbas da sociedade que paga impostos ao governo o qual deveria investir nisso. Além disso, Ortiz (2012, p. 26), ao analisar “América Latina”: males de origem, de Manuel Bonfim, escrito em 1903, vê o conservadorismo brasileiro como um empecilho a um progresso social: “o apego às tradições conservadoras traduz [...] uma dificuldade em se colocar diante do progresso social.”.

Esse conservadorismo é evidente no patronato brasileiro, Ribeiro (2015 p. 158) explica esse patronato através de uma tradição que se formou com a escravidão. Com uma sucessão de mão de obra gratuita ou barata, as classes brasileiras foram se formando sem que aja perspectivas de mudanças.

> Essa estrutura de classes engloba e organiza todo o povo, operando como um sistema autoperpetuante da ordem social vigente. Seu comando natural são as classes dominantes. Seus setores mais dinâmicos são as classes intermédias. Seu núcleo mais combativo, as classes subalternas. E seu componente majoritário são as classes oprimidas, só capazes de explosões catárticas ou de expressão indireta de sua revolta. Geralmente estão resignadas com seu destino, apesar da miserabilidade em que vivem, e por sua incapacidade de organizar-se e enfrentar os donos do poder.

E, é justamente pelo conservadorismo que o progresso social não chegava aos meninos da areia, pela incapacidade da mudança era melhor trancafiá-los no reformatório, longe da burguesia. Na realidade de “Capitães da Areia”, o reformatório não era um lar, era uma égide que não oferecia proteção, carinho e amparo. Lá eram tratados como animais ferozes, por isso, era muito mais agradável a vida no trapiche. Para a sociedade, o importante era capturá-los e abrigá-los longe dos olhos da cidade.

CAPITAL E HUMANISMO: A IMAGEM DE PEDRO BALA

Jorge Amado descreve Pedro Bala como um chefe nato, detentor de autoridade, com apenas 15 anos de idade. Líder de um bando de meninos sem esperanças, Pedro sabia conduzi-los, sabia impor-se e mais ainda, sabia protegê-los. Segundo AMADO (2008, p.29), *Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe*.

Os capitães da areia eram meninos que viviam dos furtos, eram bem mais que ladrões, tinham aptidões, e Pedro sabia exatamente quem eram e como lidar com cada um deles, assim mantinha harmonia no trapiche. Precisaram crescer antecipadamente, mas eram crianças no carrossel, eram crianças quando recebiam um pouco de carinho e assim ficavam em dúvida em cumprir o seu “trabalho” ou permanecer assim, como foi o caso do Sem Pernas, sendo o filho postiço de quem não tem filhos

quando acolhido por dona Ester: “desta vez não o deixaram na cozinha com seus molambos, não o puseram a dormir no quintal” (Amado, 2008, p. 125).

O fato de precisar sobreviver e, para tanto, roubar, fez com que esses meninos fossem malquistos pela alta classe, e Pedro Bala era o líder do bando, portanto o articulador do mal que estes meninos faziam à sociedade. Entrou para o grupo como chefe quando desbancou Raimundo, o antigo líder, em uma briga que lhe custou uma cicatriz no rosto. Pedro não era apenas o comandante, era amigo dos meninos, era um pai que procurava organizar e liderar sua família, era um menino apaixonado por Dora, e, principalmente, era inconformado com sua situação. A esse fato pode-se associar ao seu pai, o Loiro, que era um estivador inconformado, e que, também liderou uma greve na qual foi assassinado. Além da amizade com João Adão, também sindicalista, um contador de histórias que acabava por instruir Pedro, que segundo SOUZA (2005 p. 88) era “um dos poucos adultos que respeitam e se preocupam com a vida do bando”.

Por meio de Pedro Bala e seu pai, Jorge Amado deixa, ainda que subentendida, a mensagem de que um sistema com uma forte desigualdade de renda, como o capitalista brasileiro, provoca mazelas em quem vive com tão pouco ou quase nada. É na imagem do Loiro que se apresenta o trabalhador brasileiro, um operário lutando pelo direito de reduzir a carga maçante de trabalho, melhorias nas condições laborais e aumento do miserável salário que recebia.

> É o empregador capitalista quem extrai diretamente do operário a mais-valia, seja qual for a parte que, no fim, ele consiga reservar para si. Por isso, desta relação entre o empregador capitalista e o operário assalariado depende todo o sistema de trabalho assalariado e todo o atual sistema de produção. (Marx, 2010. p. 120)

Se num sistema capitalista, o trabalho é recompensado em forma de salário, e o salário é medido pelo que esse vale, é bastante óbvio que todo o sistema laboral é injusto com quem o faz mais brutal, considerado de pouco intelecto, que é classificado como mais baixo nas categorias assalariadas. E, nesse caso, o trabalho de um estivador é pouco recompensado. Acontece que na sociedade onde existe o predomínio da meritocracia, no qual o merecimento nem sempre é igualitário, ou até mesmo justo, o ofício denominado de baixo intelecto nem sempre corresponde aos seus trabalhadores que, muitas vezes, não tiveram a oportunidade para exercer atividades que exigem maior inteligência. SMITH (2015, p. 34) afirma que para o trabalhador o valor de seu trabalho é sempre igual, não importando a quantidade dele empregada, mas é o empregador quem estabelece essa valorização.

> Nesse sentido popular, portanto, o trabalho como mercadoria, pode-se dizer que tem um preço nominal, e outro real. Pode-se dizer que o preço real consiste na quantidade de bens necessários e convenientes que são dados por ele; e o preço nominal, na quantidade de dinheiro. O trabalhador é rico ou pobre, é bem ou mal remunerado em proporção ao preço real, não ao nominal, de seu trabalho.

Ao analisar o valor real do trabalho, Marx (2015, p. 20) descreve que o trabalho é valorado pela necessidade, e, que se comparado a uma mercadoria equivale ao preço de custo. Smith (2015, p. 31) reitera que desde a divisão do trabalho existir “são muito poucas as necessidades que o homem pode suprir com seu próprio trabalho”. O empregador capitalista só valida e reconhece como bom o trabalhador que não dê preocupações, não queira melhorias nas suas condições de trabalho. O humanismo só é representado quando não prejudica o capital. Pedro Bala, que acabou se tornando um militante proletário, organizador de várias greves, que via a greve como a festa do povo, foi declarado, mais uma vez, um bandido, inimigo da ordem, Marx (2015, p. 24) descreve: “mas cada luta de classe é uma luta política”.

Talvez a sociedade não queira reconhecer quem luta por direitos igualitários, não há humanismo quando todos devem receber os mesmos privilégios. Para Smith (2015, p. 97), “ações de tendência benéfica, que se originam de motivos apropriados, parecem merecer unicamente recompensa”. No sistema capitalista, ambas as classes, burguesia e proletariado são dependentes uma da outra, para Marx (2015, p. 29):

> A condição essencial para a existência e para o poder da classe burguesa é a formação e o crescimento de capital. A condição para o capital é o trabalho assalariado. O trabalho assalariado fundamenta-se exclusivamente na competição entre os trabalhadores. O avanço da indústria, cujo motor involuntário é a burguesia, substitui o isolamento dos trabalhadores, em virtude da competição, pela combinação revolucionária, devido à associação.

O destino de Pedro Bala já havia sido selado quando nasceu, no vínculo com o pai, mesmo que não tenham convivido. Loiro lutava pelos menos favorecidos, inclusive ele. Com essa narrativa plena de símbolos culturais, Amado mostra seu lado militante no Partido Comunista, cuja principal reivindicação era a melhoria nas condições de trabalho para o proletariado.

> Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fifós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela polícia de cinco estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. (Amado, 2008. p. 270)

Smith (2015, p. 67) analisa a relação empregador e empregado pelo contrato estabelecido por ambos, mas a saber que "o trabalhador deseja ganhar o máximo possível, o patrão, dar o mínimo possível". Foi apenas na década de 1930 que legalmente foram institucionalizados os sindicatos, segundo o Partido Comunista: "Após o governo de Vargas assinar o decreto da Lei da Sindicalização (19/03/1931), o qual levou a rubrica de Osvaldo Aranha, Lindolfo Collor e do próprio Getúlio". (Konrad, 2010). E, mesmo com o surgimento dos sindicatos, as condições trabalhistas são precárias ainda hoje, a saber, algumas vezes opiniões sobre esses sindicatos são de que alguns dos participantes são criminosos.

> É dessa luta cotidiana, inerente ao capitalismo, que surgem as primeiras formas de organização dos trabalhadores. Elas nascem como resultado do esforço espontâneo dos operários para impedir ou atenuar a exploração. Não aparecem por inspiração de "subversivos", como a burguesia propaga, mas sim por uma necessidade natural dos que vivem de salário. Para elevar os seus lucros, o capitalista necessita extrair o máximo de mais-valia, que é o trabalho excedente não repassado ao operário na forma de salário. (Borges, 2006, s/p.)

SISTEMA GRUPAL: A ORGANIZAÇÃO QUE A SOCIEDADE NÃO QUER

Na importância de manter o grupo dos meninos unidos, cada um possuía um papel significativo para subsistência. Amparados, mesmo que apenas emocionalmente, por um padre e por uma mãe de santo, figuras importantes na sociedade baiana, esses meninos não eram ignorantes, sabiam exatamente articular os roubos que necessitavam para continuarem a sobreviver. Mas além de suas participações fundamentais ao grupo, todos eles tinham alguma vocação pessoal e muita carência afetiva.

Pedro Bala é o protagonista na obra, mas é cabível analisar o papel do grupo. É com Pedro que cada menino do grupo adquire importância, por isso esse elemento coletivo tem um papel medular no andamento do romance, nenhum dos personagens pode ser declarado primordial à obra, todos o são. É um sistema grupal, que torna o texto de Amado um referencial a mudanças do pensamento em relação à luta de classes. Há narrativas literárias que remetem ao bandido individual, único e solitário, diferente da narrativa amadiana estudada aqui, que apresenta o bandido como referencial coletivo, um grupo que se junta contra a sociedade por não se ajustar a ela. É esse novo sistema cultural que, segundo Marconi e Presotto (2005), se apresenta como uma subcultura pelo fato de pertencer a um menor grupo que está inserido dentro de um grande grupo.

Nessa subcultura organizada, que apresenta uma endoculturação, e onde todos possuem funções definidas, está o líder, já mencionado, Pedro Bala, o responsável pela articulação dos roubos e organização do grupo, não mais que uma criança, mas o prócere capaz de condicionar o comportamento dos demais membros do grupo. Está, também, o Sem Pernas, um aleijado, muito traumatizado por ter sido humilhado durante toda a sua curta vida, ultrajado por policiais, que estavam ali para protegê-lo e, ao invés disso, obrigaram-no a correr em volta de uma mesa até cair em sofrimento, deixando marcas irreversíveis. Ele, ainda, era o responsável por emitir sentimento de dó nas pessoas a fim de roubá-las.

O Professor é quem, junto com Pedro, articula os roubos, é um intelectual, rouba livros, adora ler, lê para o grupo, procura sempre um meio de cultura social para alimentar a mente, é pintor também, e no final torna-se famoso pelas suas telas. Quando Professor decide ir embora para o Rio de Janeiro, estudar arte, acontece uma triste despedida, mas tão necessária, que o trato com o grupo era de retratar a vida dos meninos no trapiche, nas ruas baianas, retratar o abandono.

> O viva apertou o coração do menino. Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como a moldura de inúmeros quadros. Como quadros de uma fita de cinema. Vidas de luta e de coragem. De miséria também. Uma vontade de ficar. Mas que adiantava ficar? Se fosse, poderia ser de melhor ajuda. Mostraria aquelas vidas... Apertaram sua mão, o abraçaram. Volta Seca está triste, tão triste como se tivesse morrido um cangaceiro do grupo de Lampião. (Amado, 2008, p. 231)

Outro integrante do grupo é o Gato, a figura típica do malandro brasileiro, o mais bonito, consegue sobreviver pela beleza e esperteza, uma criança que é, ao mesmo tempo, cafetão, jogador clandestino e carente. Com ele, também está o Boa Vida, cantor das ruas da cidade, vive a vida calmamente, fica contente com pouco. O afilhado de Lampião, Volta Seca, também está no grupo, quando já cansado da vida no trapiche, decide procurar o padrinho, é um lutador e um sonhador.

> O sertão comove os olhos de Volta Seca. O trem não corre, este vai devagar, cortando as terras do sertão. Aqui tudo é lírico, pobre e belo. Só a miséria dos homens é terrível. Mas estes homens são tão fortes que conseguem criar beleza dentro desta miséria. Que farão quando Lampião libertar toda a caatinga, implantar a justiça e a liberdade? (Amado, 2008, p. 247)

João Grande possui um coração enorme e está sempre disposto a ajudar. Pirulito, um garoto com vocação sacerdotal, rezava muito e pedia perdão a Deus pelos furtos e crimes, seguiu a vida religiosa, tinha bondade. “[...] Com uma paciência e uma bondade extremas ensinava às crianças buliçosas as lições de catequismo” (Amado, 2008. p.237). Dora, a mãe, amiga, irmã de todos os meninos e, após, esposa de Pedro Bala. A única figura feminina no trapiche, é irmã de Zé Fuinha, seis anos, a personagem que causa comoção no leitor, tanto sua chegada ao trapiche quanto sua morte precoce desmontam emocionalmente o grupo. E Barandão que, após a saída de Pedro, tornou-se chefe. Todos são as crianças adultas do trapiche.

Ao analisar as personagens, torna-se evidente que a identidade dos meninos não é a identidade social do maior grupo, ou seja, a designação do que era a sociedade baiana, portanto voltamos a compreender o grupo como uma subcultura, e a saber aqui que, segundo as autoras Marconi e Presotto (2005) indicam, não se pode atribuir conotação valorativa à cultura, Jorge Amado atribui ao grupo múltiplas identidades, um grupo plural, conflitante entre si, mas com o mesmo objetivo, e, por isso, o grupo em si já era uma sociedade. BAuman (2005, p. 29), ao citar Georg Simmel, vê a identidade por uma forma Kantiana, de que essa está “desintegrada pela moderna sociedade de massa”.

Os meninos do grupo possuíam personalidades heterogêneas, ainda assim se uniram. Cuche (2002, p. 183) afirma que não há uma só identidade em um grupo social, e, que essa identidade só é possível em relação à outra. O que aconteceu no romance, em relação às diferenças éticas, é que a identidade do grupo não condiz com nenhuma das identidades atribuídas àquela sociedade, seja ela política, religiosa ou cidadã, portanto se torna excludente, marginalizada culturalmente e dominada pela identidade mais forte: a da burguesia. Para Marx (2015, p. 10), “A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas.”.

Sendo assim, os meninos da areia não pertenciam àquela sociedade, mesmo que poeticamente Amado afirme que “toda a cidade da Bahia pertence aos Capitães da Areia”, ainda assim os meninos não eram pertencentes, não só apenas por terem sido abandonados e desprovidos de meios de subsistência, mas por não estarem sincronizados na mesma relação análoga. A existência e as diferenças entre as sociedades se apresentam na obra amadiana como forma político-social e não racial, apontando o sistema nem tão democrático empregado no país. Na obra, tanto como na realidade, a Bahia, bem como todos os Estados, é socialmente multiforme. Bauman (2005, p. 17) analisa a identidade em relação ao pertencimento local:

> Tornamo-nos conscientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade. Em outras palavras, a ideia de "ter uma identidade" não vai ocorrer às pessoas enquanto o "pertencimento" continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa.

O que Amado transpassa é uma micro-sociedade que não quer a inclusão na grande sociedade. No romance, as crianças abandonadas podiam viver na rua com liberdade, ainda que utópica. O abandono é institucionalizado desde 1726, quando criada a Roda dos Expostos[4], no Brasil Colônia, mas as condições a que essas crianças eram submetidas quando em uma casa de órfãos era desprezível, como bem diz os meninos do trapiche que preferiram a rua. Há, portanto, na obra, uma solução para a vida miserável dos menores: um sistema intramuros, invisível socialmente, mas desprovido dos mesmos instrumentos afetivos necessários à criação de crianças e jovens.

"Capitães da Areia" descortina uma sociedade hipócrita que não quer ver meninos maltrapilhos, sem famílias, pelas ruas da honrosa cidade. Mas esse não querer ver, não remete ao sentimento de compaixão pelas crianças, remete à ojeriza de dividir com elas a mesma cidade. Um grupo que ninguém quer.

"CAPITÃES DA AREIA" E A PROBLEMÁTICA SOCIOATUAL

O abandono produz um sentimento de rejeição, de desvalorização pessoal, que jamais pode ser reparado. Os meninos, os capitães da areia, sofriam a dor da rejeição, demonstrada diversas vezes na obra, principalmente quando era evidente a falta de confiança nas demais personagens. Para SMITH (2015, p. 104), "quanto maior e mais irreparável o mal causado, mais intenso se torna naturalmente o ressentimento do sofredor". O abandono desumaniza e produz insegurança, os meninos viviam em condições degradantes e abandonados por quase todos os haveres sociais.

No que tange, na obra, à participação das famílias em contribuir a esse abandono, nem todos eram linearmente negligenciados pelos parentes consanguíneos, muitos eram os meninos que passavam os dias pelas ordens de Pedro Bala e à noite voltavam para suas casas, isso já mencionado no primeiro capítulo, na carta de Maria Ricardina, uma mãe costureira que prefere ver o filho com os Capitães a vê-lo no reformatório. Uma realidade nas grandes cidades brasileiras, onde se pode observar crianças em sinaleiras, pedintes, que após o incansável turno**,** voltam ao lar.

O abandono, visto como produto cultural**,** não é reponsabilidade dos grupos religiosos, mas assim o tornam, descambando de suas atribuições para que esse ocorra. Na obra, cabia ao representante do catolicismo, o padre José Pedro, orientar os meninos, praticamente eram súplicas para que não fizessem mal à sociedade, que fossem sensatos. Uma acolhida apenas oral, uma conversa com o ego, pois para o padre José Pedro era uma missão levar a palavra de Deus, já que não possuía influência social para mudar a vida dos meninos, assim a Igreja tolheu sua participação e responsabilidade com o abandono.

> O problema dos menores abandonados e delinquentes, que quase não preocupava a ninguém em toda a cidade, era a maior preocupação do padre José Pedro. Ele queria se aproximar daquelas crianças não só para trazê-las para Deus, como para ver se havia algum meio de melhorar sua situação. Pouca influência tinha o padre José Pedro. Não tinha mesmo influência nenhuma, nem tampouco sabia agir para ganhar a confiança daqueles pequenos ladrões. Mas sabia que a vida deles era falta de todo o conforto, de todo carinho, era uma vida de fome e de abandono. E se o padre José Pedro não tinha cama, comida e roupa para levar até eles, tinha pelo menos palavras de carinho e, sem dúvida, muito amor no seu coração. (Amado, 2008, p. 74)

[4] A primeira roda de expostos brasileira foi criada em Salvador em 1726, com recursos deixados pelo comerciante português João Mattos de Aguiar. Segundo dado extraído de: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/orfao-na-colonia> Acesso em: 11 ago. 2016

Segundo Lima (2004), na Bahia do século XX, existiu uma mãe de santo chamada Aninha (1869-1938), muito famosa, implantou o Candomblé, tinha forte influência na política. Na obra, também, mostra-se o Candomblé, com uma cultura africana já enraizada, é seguido religiosamente pelos baianos. A personagem de "Capitães da Areia" Don'Aninha é descrita como uma mulher forte e respeitável, mas além de conselhos, nada mais fez pelos meninos da areia. A afeição produz solidariedade, mas não produz capital necessário aos necessitados, que são substituídos diariamente, sem que a sociedade os veja.

> Mas, ainda que a ajuda necessária não seja provida por motivos tão generosos e desinteressados, ainda que entre os diferentes membros da sociedade não haja amor e afeto mútuos, a sociedade, embora menos feliz e agradável, não se dissolverá necessariamente, pois pode subsistir entre diferentes homens, como entre diferentes mercadores, por um senso de utilidade, sem qualquer amor ou afeto recíprocos. (Smith, 2015, p. 106)

O romance amadiano é um retrato da história das crianças abandonadas no Brasil, que começou, já, na colonização. As crianças que sobreviviam à viagem Portugal / Brasil e chegavam sem as famílias ficavam aos cuidados dos Jesuítas, assim como os índios. Del Priore (2000, p. 98) registra que no Brasil-colônia já aconteciam desestruturações familiares que provocavam abandono:

> As violências físicas, muitas vezes dirigidas às mães, atingiam os filhos e não foram poucas as famílias que se desfizeram deixando entregues ao Deus dará, mães e seus filhinhos: fome, abandono, instabilidade econômica e social deixaram marcas em muitas das crianças. Não são poucas as que encontramos, nos documentos de época, esmolando às portas de igrejas, junto com suas genitoras.

Contudo, se essa problemática iniciou no Brasil-Colônia, as políticas públicas não foram eficientes para combatê-la, piorando cada vez mais. Foi no século XIX que os primeiros registros criminais apontaram o envolvimento dos menores em crimes contra a sociedade, evocando uma situação dúbia: crianças abandonadas ou criminosas também. Em "Capitães da Areia", os meninos do trapiche eram chamados de crianças ladronas. Uma das consequências da vida na rua é a criminalidade. Para Del Priore (2000 p. 213), o agravamento histórico da criminalidade brasileira ocorreu durante a instauração da República (1889), e o aumento desenfreado da população, bem como a industrialização: "Nesse contexto, verifica-se o surgimento ou o agravamento de crises sociais que outrora eram pouco relevantes no cotidiano da cidade".

A industrialização, acompanhada do êxodo rural, cresceu vertiginosamente após 1920, Ribeiro (2015, p. 152) afirma que chegou, inclusive, a duplicar o contingente urbanizado. O autor acrescenta que a consequência desse êxodo foi a miséria urbana, para ele esse crescimento absurdo dificulta a modernização, já que aqui no Brasil, "nenhum governo se ocupa efetivamente da educação popular e da sanidade", ainda, criou-se uma ideia de que a responsabilidade pelas crianças marginalizadas é da sociedade.

Outra circunstância a essa problemática do abandono é a exploração trabalhista de crianças, Sawaia (2001) afirma que a exploração de crianças no Brasil iniciou com o sistema escravocrata e que isso perpetua até os dias atuais. Afirma ainda que, segundo o IBGE, esse sistema afeta diretamente 65.000 jovens. Esse sistema trabalhista acarreta em prejudicar o sistema escolar, já que as crianças e jovens precisam deixar de estudar para trabalhar, gerando um grande número de analfabetismo funcional. Essa é, também, uma forma de exclusão social.

ADOÇÃO: UMA POSSÍVEL SOLUÇÃO AO ABANDONO SOCIAL

Para os meninos do trapiche, viver ali era aceitável, mas sonhavam com um lar de verdade, uma cama quentinha e uma mãe que os acalentasse à noite. Jorge Amado descreve por meio de Sem Pernas a carência dos meninos da areia, um deficiente físico, inconformado que precisava afirmar-se quase que o tempo todo. Uma constante busca pela aceitação que foi negada pela falta de amparo emocional.

> O que ele queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. (Amado, 2008, p. 38)

O abandono é uma constante no Brasil, a abordagem por Amado no romance "Capitães da Areia" demonstra isso quando afirma que não se sabia ao certo quantos eram os meninos que viviam no trapiche: "esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a cem crianças das mais diversas idades [...]", (2008, p. 11). Não obstante do romance está a realidade no país, mesmo não tendo sido localizados dados oficiais que estabeleçam um número total de crianças e adolescentes em situação de risco e / ou abandonadas, sabe-se que a quantidade de crianças vivendo nas ruas é enorme, muito disso devido às condições econômicas e ao crescente número de usuários de drogas ilícitas. Em 2011, a então Secretária Nacional de Defesa dos Direitos Humanos, Maria Ivonete Tamboril, afirmou que o Governo abordaria o tema, em Conferência, na esfera dos Direitos Humanos e não no que tange à Assistência Social[5].

Uma possível solução ao abandono é a adoção. No Brasil, a adoção possui um sistema complexo para ser efetivada, somente em 2008 foi criado o Cadastro Nacional de Adoção (CNA), sob a responsabilidade do Conselho Nacional de Justiça, as informações devem ser fornecidas pelos tribunais de Justiça dos estados e do Distrito Federal. Segundo o Conselho, hoje são quase seis mil crianças cadastradas e cerca de 33 mil pretendentes. A discrepância nesses dados efetiva com singularidade que a disponibilidade em adotar crianças com mais de 4 anos ainda é muito pequena, e, poucos estão dispostos, também, a adotar irmãos ou até mesmo, mais de uma criança. Essa incoerência com a realidade brasileira, e, mais ainda com o predicado do humanismo, isola essas crianças na igualdade e nos direitos, também, perante a lei.

Em "Capitães da Areia", nenhum menino foi adotado, respaldando o Sem Pernas, por um curto período de tempo, nenhum recebeu o direito de ter uma família, um lar. Todos foram criados pelas ruas, não por pais e mães, tiveram suas infâncias roubadas, desprivilegiadas e miseráveis. Seria diferente se a sociedade estivesse disposta a adotar, mas o abandono demonstra, tanto na ficção quanto na realidade, a dificuldade de erradicar anos de uma situação que poucos querem assumir a responsabilidade, e, quem o quer, ainda o faz muito por desejos pessoais, escolhendo quem deve merecer o seu lar.

> Bem sabia que eles nunca tinham parecido crianças. Desde pequenos, na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens, eram iguais a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguais: amavam e derrubavam negras no areal desde cedo, furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram presos apanhavam surras como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia. Não tinham também conversas de meninos, conversavam como homens. Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miséria e de aventura, nunca tinham sido perfeitamente crianças. (Amado, 2008, p. 244)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores simbólicos que a sociedade atribui de que somente por viver em situação de miséria e nas ruas as crianças são criminosas persiste até hoje. Evidentemente que não se pode encobrir a existência de criminosos entre os abandonados, o que é preciso analisar é o delito e o motivo de tal situação, para que assim se promovam as mudanças cabíveis. É nesse sentido que muitos meninos de rua vivem até hoje, não obstante de 1937 quando Jorge Amado descreveu a sociedade baiana como uma sociedade excludente, capitalizada que buscava uma solução visual a essa problemática: esconder. Analisando a obra em comparação com a realidade contemporânea, assim é a sociedade atual com seus abrigos noturnos e preconceitos diurnos, segundo Marx e Engels registraram em 1848 na primeira publicação de "O Manifesto Comunista": *a história de todas as sociedades que já existiram é a história de lutas de classes* (2015, p. 9).

[5] Extraído e adaptado de <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/11/criancas-e-adolescentes-que-vivem-na-rua-e-tema-de-reuniao-sobre-direitos-humanos> Acesso em: 1 Jun. 2016

Na literatura de “Capitães da Areia”, há o predomínio da exclusão de modo muito realístico. Nessa obra amadiana, as mudanças nas histórias dos meninos ocorreram apenas pelo seu valor e desempenho, a ajuda social foi dada a poucos como no caso de “Professor”; foi por meio de um estranho que analisou suas obras de rua, e, viu nele potencial: “vou estudar com um pintor do Rio. Doutor Dantas, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus”. (2008, p. 230)

Na década de 1930, a Literatura Brasileira tomou novos rumos, ocorreu uma preocupação com a realidade social, viviam-se anos de profunda inquietude mundial, foi a década entre as grandes guerras, o mundo passava por um período literário pessimista, e aqui a consolidação do Estado Novo. Segundo Bosi (2013, p. 409), “somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930”. A Literatura não precisa ter nenhuma responsabilidade com a realidade, “Capitães da Areia” é um romance, uma história inventada. Mas, para criar uma história, é necessária uma inspiração.

Declarado no posfácio de “Capitães da Areia” por Zélia Gattai, Jorge Amado, para se inspirar, adentrou na vida dos meninos de rua da Bahia, dormiu no trapiche, e, por isso, a obra é tão enfática à realidade, até mesmo, o fato de Amado ser atuante no contexto político brasileiro propicia um olhar verossímil que transpassa ao leitor. Ainda que Bosi (2013, p. 418) afirme ser Jorge Amado um cronista de “tensão mínima” que não pretendesse revolucionar, e que “Capitães de Areia” não passe de um depoimento lírico sobre amores de marinheiros, ao leitor é dificílima a separação no contexto político-social, tanto da época em que foi escrito, como atualmente.

As intenções de um romancista, somente esse pode elucidar, mas, mesmo se a intenção de Jorge Amado não tenha sido de denunciar as mazelas sociais, já que para Coutinho (2004, p. 375), o autor foi incapaz de criar uma ação coerentemente revolucionária, e, que a obra se constitua apenas por ser um depoimento lírico, ainda assim possui a primazia da denúncia nas histórias de cada um dos meninos do trapiche. Amado vai além, ao caracterizá-los e, ainda, ao oferecer a cada um o próprio final literário, ainda que “Capitães da Areia” seja uma narrativa fechada, em termos estruturais, permite ao leitor imaginar a continuidade da vida dos meninos, trata-se de um romance que dialoga com a realidade.

Jorge Amado, em toda a obra, aborda, tanto na micro-sociedade formada pelos meninos, quanto na sociedade baiana como um todo, os problemas sociais de forma a transmitir, por meio de uma linguagem simples e, ainda que popular, um romance grandioso que não permite, ao leitor, constatar ao final, o lado bom, e, ou, mau dos personagens, mas convida a uma reflexão sociológica. Suas metáforas permitem um deslumbre suave ao descrever os dramas e frustrações dos meninos, que bem na verdade são problemas reais. Pensar sobre “Capitães da Areia” é conjecturar sobre a vida de todos os abandonados, de todos os filhos de Dora, e deduzir que pouco se evoluiu socialmente.

A leitura de “Capitães da Areia é uma declaração ao romance modernista, com características que recriaram a comunicação com o leitor, com a menção de formar opiniões por meio da capacidade dedutível, com uma linguagem lírica, e um tanto poética, mas com populismo e com pequenas frações de humor. O autor permitiu a participação do leitor, e, segundo Proença Filho (1995, p. 29): “O fenômeno literário se efetiva na inter-relação autor/ texto/ leitor.”.

O romance analisado poderia ter sido escrito no século XXI, a sociedade burguesa ainda é a mesma, com todas as preocupações capitalistas, menos socialistas, que o sistema oferece. A diferença visual entre a década de 1930 e os anos 2000 é a mascaração dos sentimentos, ainda que a sociedade demonstre compaixão, o desenlace para a problemática do menor abandonado ainda está muito aquém do esperado. Segundo o Senado Federal[6], mudanças legislativas ocorreram desde a queda do Império que, pelo Código Penal de 1890, tratava as crianças de rua como delinquentes e essas eram levadas aos tribunais a partir dos 9 anos, sem direito algum, eram julgadas como adultos. Já nos anos seguintes, foram criados alguns órgãos governamentais e não governamentais para uma melhor captação da vida na rua, mas a exploração e a miséria se emanciparam muito além do desejado. É um distúrbio sistêmico e histórico, vinculado principalmente à pobreza, quanto maior o índice de miséria, maior a quantidade de menores abandonados.

[6] <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/07/criancas-iam-para-a-cadeia-no-brasil-ate-a-decada-de-1920>

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

BORGES, Altamiro. **Origem e papel dos sindicatos**. Brasília: 2006. Modulo do Curso Centralizado de Formação Política – Escola Nacional de Formação da CONTAG – ENFOC. Disponível em: http://contag.org.br/imagens/Origemepapeldossindicatos-AltamiroBorges.pdf. Acesso em: 04 jun.2016

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013. 567 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUENO, Luís. Os três tempos do romance de 30. **Revista Teresa (USP)**, São Paulo, v. 3, p. 254-283, 2003.

CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional**: diálogos políticos culturais. 2011. 171 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2011

CNJ. CADASTRO NACIONAL DE ADOÇÃO. Brasília / DF. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/cadastro-nacional-de-adocao-cna. Acesso em: 24 maio. 2016.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

CUCHE, Denys. **A Noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DEL PRIORE, Mary (org). **História das Crianças no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite. Literatura e direito: teias de conexão. In: IV COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4., 2010, Maringá. **Anais** [...]. Maringá: UFM, 2010

FRANCO, Renata. Órfãos na Colônia. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, 2010.

KIEFER, Charles. **Jorge Amado e sua gente**. Cláudio José M. de Oliveira Jorge Amado de todas as cores. Salvador: Casarão do Verbo, 2011, v. 1, p. 7-108.

KONRAD, Diorge Alceno. **1930 e o Partido Comunista do Brasil**: 80 anos de ensinamentos. 2010. Disponível em: http://vermelho.org.br/noticia/140194-1. Acesso em: 04 Jun. 2016

LIMA, Vivaldo da Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. Dossiê religiões no Brasil. **Estud. av**. v.18, n. 52 São Paulo Sept./Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300014. Acesso em: 12 Out. 2016

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital** & salário, preço e lucro. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MATIAS, H. J. D.; FRANCISCHINI, R. A infância e a rua: imagens cruzadas no Brasil do século XX. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ABRAPSO - DIÁLOGOS EM PSICOLOGIA SOCIAL: EPISTEMOLÓGICOS, ÉTICOS, POLÍTICOS, ESTÉTICOS E POLÍTICAS PÚBLICAS, 19., 2007, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ABRAPSO, 2007

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: editora Brasiliense, 2012

PROENÇA FILHO, Domício. **A Linguagem Literária**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Global, 2015

RUFINO, João Edson. **Jorge Amado de todas as cores**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. As cores e os gêneros da revolução. **Cad. Pagu**, Dez 2004, no.23, p.149-197.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3°ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Curitiba: Juruá, 2015.

SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SOUZA, Licia Soares de. Infância e errância: imagens da criança abandonada na ficção brasileira. **Estud. Lit. Bras. Contemp**., Dez

2015, no.46, p.79-103.

VEIGA, B. et al. **Jorge Amado de todas as cores**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, Anajé: Casarão do Verbo, 2011

VIEIRA, Deise Adélia. **A Literatura, a foice e o martelo**. 2004. 79 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2004